

Desafios para a vida

Juliana RIBEIRO FERRAZ

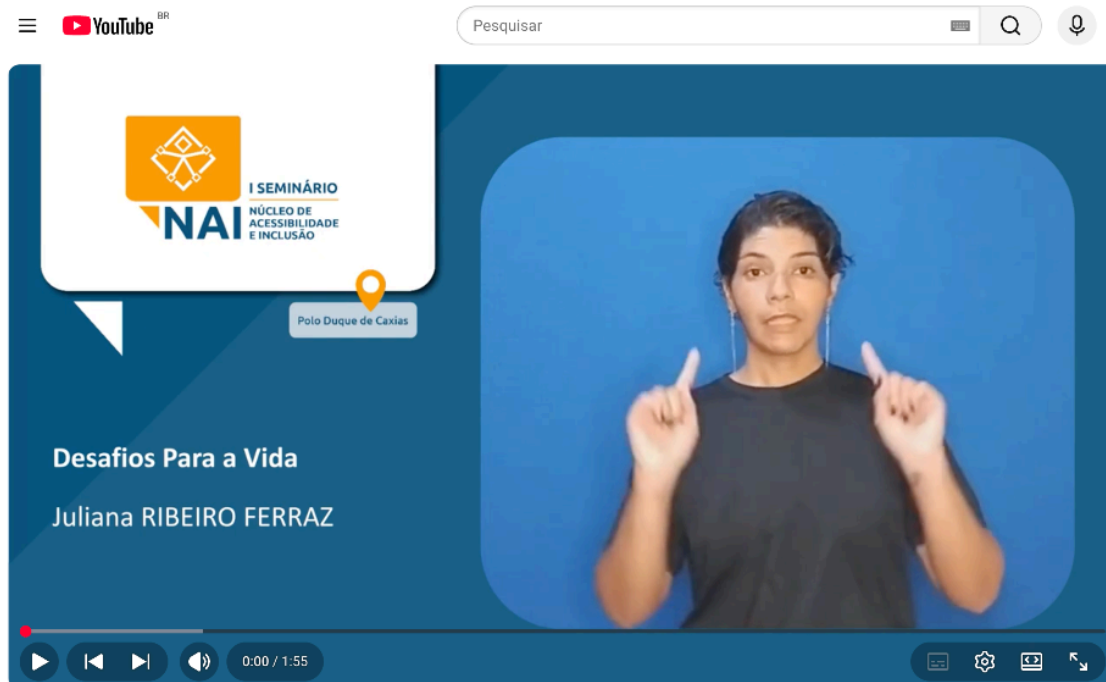
NAI / CECIERJ
Resende, Brasil

Resumo: O relato de experiência descreve a trajetória de um aluno com deficiência visual no curso de Pedagogia. **OBJETIVO:** O relato destaca a importância do apoio personalizado para alunos com deficiência e outros transtornos no ensino superior, apontando os principais desafios e propondo estratégias para promover a sua permanência e sucesso acadêmico do mesmo. **METODOLOGIA:** São abordados aspectos como a importância da formação docente, a disponibilidade de recursos acessíveis e a necessidade de adaptações pedagógicas. O atendimento educacional especializado busca potencializar tanto aos professores como aos alunos, fortalecendo as práticas de ensinar e aprender. Isso possibilitará uma aprendizagem mais significativa e a sua preparação para o ingresso no mercado de trabalho. Tal relato busca contribuir para a construção de um ambiente universitário mais inclusivo e equitativo para todos os alunos. **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:** Foi enfatizado os paradigmas da inclusão que preveem rupturas, frustração e incertezas, provocando compreendê-la, dentro de um processo e não de um destino, onde o caminho é longo, e depende diretamente de mudanças nas políticas educacionais e institucionais. **RESULTADO:** Apesar de todo apoio recebido dos envolvidos da instituição, incluindo a tutoria de apoio, o aluno enfrentou desafios significativos que o levaram a abandonar o curso. O trabalho indica como as políticas de ação afirmativa promovem a inclusão desses alunos no ensino superior, para garantir seu acesso e permanência na universidade.

Palavras-chave: Educação especial. Ensino superior. Permanência.

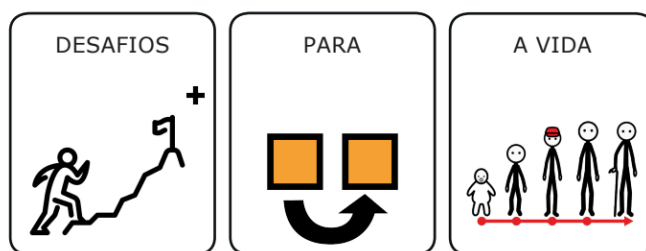
Resumo em Libras

(clique na janela abaixo para acessar o vídeo completo):



Resumo em CAA - Comunicação Aumentativa e Alternativa

(clique na imagem abaixo para acessar o arquivo completo):



Desafios para a vida

1. Introdução

O relato da minha experiência sobre alunos com deficiência e outros transtornos neurológicos exige mais do que apenas capacitação, requer também a compreensão sobre o outro na sua profundidade, em suas particularidades. A atuação docente deve estar alinhada a uma pedagogia inclusiva, que favoreça a autonomia e respeite os diferentes modos de aprender, como empatia e postura pedagógica sensível às necessidades dos estudantes. Desenvolver habilidades de comunicação, escuta e empatia para mediar o processo de ensino-aprendizagem com equidade é o principal objetivo.

Tão logo fui convocada para atuação como tutora de apoio de um aluno deficiente visual me deparei com algo desafiador. Como seria o processo de aprendizagem visto a carência de recursos e as barreiras que os mesmos ainda encontram para iniciarem e se manterem em seus propósitos. A minha atuação foi muito além de tutora de apoio, mas sim de um apoio socioemocional para lidar com tantas adversidades juntos. Com experiência na área, digo que, para que haja um bom resultado na educação especial, é essencial sintonia entre todas as partes envolvidas e que o educando sinta segurança o suficiente para confiar a você esse apoio. Como tutora, fiz o que sempre me coube e assim construímos uma relação de crescimento para ambos.

2. Metodologia

Podemos constatar a partir de então que há um modelo de educação andragógica em que os alunos participam de várias fases do processo de ensino-aprendizagem, na identificação das intervenções educacionais, na criação de um plano de auxílio, no estabelecimento de objetivos e nas formas de avaliações a partir do que foi elaborado no diagnóstico educativo. Tal metodologia é voltada para a participação ativa dos alunos com uma organização curricular flexível, visando atender às especificidades de cada adulto. O docente, envolvido nesse modelo, necessita conhecer o desenvolvimento e as necessidades de diferentes faixas etárias com as quais vai lidar.

A andragogia, como referência para educação de adultos, é caracterizada pelo seu foco no processo de aprendizagem, ao invés da ênfase no conteúdo. Sendo assim esse processo de apresenta da seguinte sequência: sensibilização (motivação), pesquisa (estudo), discussão (esclarecimento), experimentação (prática), conclusão (convergência) e compartilhamento (sedimentação). Essa troca é muito importante, já que pressupõe-se o professor como facilitador e um aluno aprendiz, compartilhando conhecimento de um com a experiência do outro. Durante esse percurso, torna-se difícil saber quem aprende mais, se o professor/tutor ou o aluno, pois esse tipo de aprendizado (andragógico) é um caminhão de mão dupla e não o contrário, pois procura promover o aprendizado por meio da

2.1. O início de tudo

Minha apresentação junto ao aluno deficiente teve logo de início uma bela coincidência, a mesma data de nascimento. Ali já começamos uma conexão que se tornaria fundamental para os próximos semestres. A partir daquele momento organizamos nosso plano de apoio, conhecendo as disciplinas, seus conteúdos, material didático, horário das tutorias das disciplinas, estrutura física do polo de Resende, assim como as datas das avaliações. As semanas que se sucederam após esse início foram de muita troca, considerando que sou uma ex-aluna do mesmo curso que ele escolheu – Pedagogia. Essas trocas foram fundamentais para construção de uma base sólida de apoio e muita parceria.

O tempo foi passando, e as demandas aumentando, assim como a preocupação e ansiedade por parte do mesmo de como seria seu desempenho junto ao curso,

considerando suas questões especiais. Saber conduzi-lo com uma visão futura e promissora no curso tornou-se meu desafio constante, pois a motivação precisava ser mantida a todo momento. Busquei métodos variados de apoio para que o mesmo sempre se sentisse parte, assim como acolhido, compreendendo tamanha importância da sua postura e força de vontade em continuar. Tivemos longas conversas sobre as barreiras físicas e intelectuais que ele poderia encontrar no caminho, para que estas não fossem impeditivas da sua permanência.

2.2. O caminhar

Um currículo adaptado, metodologia de ensino, valorização das habilidades e conquistas, utilizando sempre um reforço positivo e o reconhecimento desse aluno são essenciais quando toda comunidade acadêmica está em plena consonância da existência do estudante e suas condições. Quando uma das partes falha, é como um castelo de areia desmoronando de uma só vez, pois a reconstrução demanda um longo período e o prejuízo socioemocional é certo. Reflexo disso foi identificado logo na AD2 do primeiro semestre, quando em uma determinada disciplina o professor solicitou que todos assistissem a um filme de Charles Chaplin – *Tempos modernos* e fizessem uma atividade relacionada. Considerando que todos os filmes de Charles Chaplin são mudos, como seria possível um aluno deficiente visual realizá-la sem qualquer adaptação? Nesse momento, algo estremeceu, mas imediatamente contornei a situação fazendo toda descrição do filme para que ele pudesse realizar sua atividade, tentando evitar assim uma frustração maior.

Sabe-se que ao conceber uma sociedade acessível a todos, é fundamental a mudança no foco da atenção, pois até alguns anos atrás pessoas com deficiência é que deveriam ajustar-se ao meio para ter acessibilidade. No momento atua, a relação da sociedade com as pessoas com deficiência está pautada (ou deveria estar) nos princípios do “Paradigma de suportes”, que buscou reconhecer a diversidade como parte da natureza humana. Sendo assim, é função da sociedade garantir o direito das pessoas com deficiência para que tenham seus acessos permitidos e favoreçam sua participação ativa e igualitária nas mais variadas circunstâncias evitando qualquer tipo de constrangimento e exclusão. Esse

movimento torna clara a responsabilidade do meio social na provisão de qualquer tipo de suporte ou recurso, incluindo psicológico e social como forma de convivência.

2.3. Garantia de permanência

Superadas as demandas, seguimos adiante para a conclusão do seu primeiro semestre. A motivação desse aluno ainda estava sob controle e sendo mantida com muitas ações efetivas. Uma delas foi a sugestão para iniciar um curso em braile, pois o mesmo não sabia escrever e tão pouco ler em braile. Dependia do aparelho celular para sua audição e tradução. Assim que identifiquei essa questão, procurei apresentar todas as vantagens que ele teria com esse acesso ao braile e que talvez muitos caminhos se encurtassem, considerando essa forma de acesso para ele.

2.4. Atuação para o futuro

Um aluno, seja ele qual for, no curso de graduação é muito mais que apenas um aluno, é um futuro profissional no mercado de trabalho e não é diferente para a pessoa com deficiência. Mostrar-lhe as diversas possibilidades profissionais que se abrirão com o curso que está fazendo é uma fonte de motivação valiosa e que precisa ser atualizada constantemente. Segundo Carvalho-Freitas, Marques e Almeida (2009) e Tanaka e Manzini (2005), uma questão que tem incitado divergências é o processo de participação dessas pessoas no mercado de trabalho. Tal situação começou a ser considerada dentro das organizações, principalmente a partir da aprovação de ações afirmativas do Estado, sob a forma de leis, que tentam assegurar esse direito – como a Lei de Cotas.

Ao falarmos em inclusão social, especialmente na participação das pessoas com deficiência nos âmbitos organizacionais de trabalho, é de grande valia compreender que as relações de trabalho na atualidade sofrem profundas modificações. O mundo do trabalho está cada vez mais exigente e competitivo, passando a valorizar, além de competências técnicas dos trabalhadores, suas competências humanas.

Seguimos adiante para encerramento do primeiro semestre, e o aluno estava em pleno desenvolvimento, contornando sempre algumas adversidades encontradas. O polo

onde esse aluno é assistido ainda possui algumas barreiras arquitetônicas, pois há necessidade de algumas adaptações para alunos com deficiência, mas está em processo de acessibilidade com a mudança para um novo prédio, atendendo todas as normas exigidas por lei, porém esse ponto foi insistentemente comentado durante o período pelo mesmo. Outro fator motivacional é a acessibilidade quando oferecida. O ingresso do aluno com deficiência no ensino superior é uma evolução constante, mas é preciso observar que um aluno atendido possui plena participação no ambiente universitário, como os espaços a serem ocupados por ele. É necessário que a universidade realize as adequações e um mapeamento do ingresso e permanência desse aluno para evitar que se torne um processo de exclusão.

As necessidades das instituições em criar estratégias efetivas de inclusão vão além do âmbito teórico. Alguns estudos sobre a inclusão no ensino superior são demandas cada vez mais frequentes. Políticas públicas e conhecimentos técnicos são pré-requisitos importantes a serem considerados para compor o espaço universitário e concretizar a inclusão na sua totalidade. A questão da sensibilidade da comunidade envolvida para trabalhar de forma interdisciplinar é fundamental para buscar a inclusão de todo estudante. Promover uma universidade inclusiva requer profissionais de educação estejam mais próximos dos estudantes a serem incluídos, que saibam como agir, como ensinar, como lidar com a diversidade e como ter dimensão técnica.

2.5. Desafios a seguir e permear

Após o término do semestre com excelentes resultados, o aluno atendido estava mais confiante em seguir sua trajetória. Ao iniciarmos o segundo período, foi feita a seleção das disciplinas a serem cursadas, porém o aluno apresentou alguma resistência frente a um número maior das mesmas que poderia cursar. Nesse momento fiz uma intervenção explicando sua capacidade e o quanto seria importante avançar um pouco além. A mentalidade da inclusão educacional é uma proposta de esperança, fé e trabalho árduo, não de desistência e abandono. Quando me refiro à fé, não se trata de religião, mas sim acreditar que vai dar certo. O foco da nossa atenção, o foco do nosso esforço, não deve ser

voltado para o problema, mas sim para a solução. Acredito que limitar o potencial de uma pessoa é um erro. Nosso aluno pode ir muito longe. E até onde meu aluno pode chegar? Quem pode definir o limite de uma pessoa?

Antes de encerrar o semestre, situações recorrentes do período anterior voltaram a acontecer e isso deixou o aluno ainda mais desestimulado. Chegar ao ensino superior é uma vitória para grande parcela da população brasileira, se estas forem portadoras de deficiência a situação complica um pouco mais, pois ainda há muito desconhecimento e despreparo no Ensino Superior para receber e manter um universitário com deficiência. Dados da UNICEF revelam que ter alguma deficiência quadriplica a probabilidade “de um adolescente chegar aos 17 anos ainda analfabeto”, bem como que, “40% (quarenta por cento) de todas as crianças e adolescentes que estão fora da escola são deficientes (AUAD; CONCEIÇÃO, 2009). É notável o desafio das universidades no Brasil frente às pessoas com deficiência na atualidade, e isso envolve a questão da democratização do acesso e a garantia da qualidade no ensino superior, considerando que a educação é um direito de todos. Mais do que quebras de paradigmas diante da pessoa com deficiência, é preciso que existam avanços nas práticas políticas para que barreiras como preconceito, discriminação e segregação não definam as relações humanas (MUTO; CAMPOS; MELO, 2016). Diante disso, estar ciente das necessidades desses alunos no Ensino Superior pode auxiliar não só os alunos quanto a própria instituição e a comunidade acadêmica local na busca pela inclusão.

Vale dizer que a inclusão não pode (e nem deve) ser vista como um ato assistencialista, pois trata-se de um direito que precisa ser praticado e respeitado, portanto, a capacitação profissional é algo que precisa ser apoiada e trabalhada em prol de bons resultados. Quando o assunto é inclusão e acessibilidade, não se deve considerar apenas as questões de estrutura e acesso físico. No ensino superior, as barreiras são diversas, abrangendo outros aspectos que precisam ser considerados em sua totalidade a fim de receber e manter o aluno com deficiência até a conclusão do curso.

2.6. Conclusão

Lamentavelmente esse aluno não prosseguiu seus estudos e antes mesmo da AP1 do segundo período terminar ele não retornou mais para realização. Mesmo com várias tentativas de resgate por parte de todos os envolvidos e algumas expectativas que isso aconteceria, o mesmo nunca mais compareceu ao polo ou nos explicou sobre o que o incomodava a ponto de não seguir mais adiante. A reestruturação do ensino superior precisa ser urgente, e embora já apresente avanços ainda estão longe de atender na totalidade. Há muito a se fazer em termos estruturais, físicos e principalmente nas ações pedagógicas e na gestão, uma vez que são essas as grandes responsáveis pela inclusão desse público no ensino superior.

experiência, fazendo com que a vivência estimule e transforme o conteúdo, impulsionando a assimilação.

Agradecimentos

Ao CEDERJ que me propôs a oportunidade de atuar como tutora de apoio e poder compartilhar a minha experiência com educação especial e oferecer um aprendizado de qualidade e uma vivência conforme proposta.

Ao aluno que me tornou tutora de apoio e que tivemos um contato essencial para perceber que é preciso tempo para tudo.

Referências Bibliográficas

NOFFS, Neide de Aquino; Rodrigues, Carla Maria Rezende. **Andragogia na Psicopedagogia, a atuação com adultos**, artigo especial. Rev. Psicopedagogia 2011; 28(87): 283-92

Artigo Psicologia Escolar Educacional. 22 (spe) • 2018 • <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2018/010>
